

O contexto social e a construção da identidade no sertão nordestino/Brasil – releituras do filme Narradores de Javé

Le contexte social et la construction de l'identité dans le sertão du Nord-Est/Brésil – relectures du film Narradores de Javé

The social context and the construction of identity in the sertão of Northeast/Brazil – reviews of the Narradores de Javé film

Maria Augusta Mundim Vargas
Universidade Federal de Sergipe
guta98@hotmail.com.br

Resumo

O texto se propõe a uma releitura do filme *Narradores de Javé* delimitada pelo tema “o contexto social e a construção da identidade no sertão nordestino”. Aborda o conceito de patrimônio juntamente com a cultura e a paisagem, observando a necessidade de se distinguir patrimônio e patrimonialização; considera as identidades como acúmulo das mentalidades e das invenções e toma o sertão como uma realidade complexa. Em diálogo com a narrativa, a história e a memória delineadas pelo filme reforçam os múltiplos aspectos da constelação de conceitos advindos de suas aproximações, em especial a importância de se vislumbrar um *continuum* entre o senso comum e o conhecimento científico pelas histórias intuitivas de Javé e desvelar os sentidos do patrimônio, das paisagens, dos espaços controlados e das identidades inventadas para o Nordeste.

Palavras-chave: Cultura. Paisagem. Patrimônio. Identidades.

Résumé

Le texte se propose de faire une relecture du film *Narradores de Javé* délimitée par le thème « le contexte social et la construction de l'identité dans le sertão Nord-Est du Brésil ». Il traite du concept de patrimoine en même temps que de la culture et du paysage, tout en soulignant le besoin de faire la distinction patrimoine et patrimonialisation; il comprend les identités comme étant une accumulation de mentalités et des inventions et voit le sertão comme une réalité complexe. Dialoguant avec la narration, l'histoire et la mémoire esquissés dans le film renforcent les plusieurs aspects de la constellation de concepts résultat d'approximations, notamment l'importance d'entrevoir un *continuum* entre le sens commun et la connaissance

scientifique par les histoires intuitives de Javé et dévoiler les sens du patrimoine, des paysages, des espaces contrôlés et des identités créés pour le Nord-Est.

Mots-clés: Culture. Paysage. Patrimoine. Identités

Abstract

The text proposes a reinterpretation of the film *Narradores de Javé* delimited by the theme “the social context and the construction of identity in the sertão of Northeast/Brazil”. It addresses the concept of heritage together with culture and landscape, noting the need to distinguish heritage and heritage-making process; considers identities as an accumulation of mentalities and inventions, and takes the sertão as a complex reality. In dialogue with the narrative, history and memory outlined by the film, it reinforces the multiple aspects of the constellation of concepts arising from its approaches, especially, the importance of seeing a continuum between common sense and scientific knowledge through the intuitive stories of Javé and unveil the meanings of heritage, landscapes, controlled spaces, and invented identities for the Northeast.

Keywords: Culture. Landscape. Heritage. Identities.

Introdução

O filme *Narradores de Javé*, produzido em 2004¹, com direção de Eliane Caffé, que também participa do roteiro juntamente com Luis Alberto Abreu, repercute desde então em salas de aula e debates acadêmicos sobre história, geografia, metodologia da pesquisa, entre outros, em que pesem as possibilidades de observação e reflexão sobre história oral, narrativas e discursos, resiliências e resistências, expropriações e desterritorializações, heranças e identidades etc. O ‘contexto social e a construção da identidade no sertão nordestino’ foi proposto como tema delineador de uma resenha do filme pelo CinePet Humanidades da Universidade Federal do Oeste da Bahia², numa demonstração motivadora da força do longa-metragem mesmo decorridas quase duas décadas de sua estreia.

Para o leitor que ainda não acessou o filme, apresentamos o cartaz de lançamento (Figura 1) e sua sinopse: somente uma ameaça à própria existência pode mudar a rotina dos habitantes do pequeno vilarejo de Javé. É aí que eles se deparam com o anúncio de que o povoado pode desaparecer sob as águas de uma enorme hidrelétrica. Em resposta à notícia devastadora, a comunidade adota uma ousada estratégia: decide preparar um documento contando todos os grandes acontecimentos heroicos de sua história para que Javé possa escapar da destruição. Como a maioria dos moradores é analfabeta, a primeira tarefa é encontrar alguém que possa escrever as histórias.

¹ É comum acessar o ano de 2003 como referência ao lançamento do filme. Ambas estão corretas. Registra-se que foi lançado em Cannes em 2003 e, no Brasil, em 2004.

² Programa de Educação Tutorial – Pet Humanidades da UFOB – Universidade Federal do Oeste da Bahia. A *live* ocorreu em 13 de agosto de 2021, atendendo ao convite do prof. Dr. Valney Dias Rigonato. Assim, o texto mantém, em parte, a oralidade do ocorrido.

A história é narrada por Zaqueu, que nasceu e viveu em Javé, personagem interpretado por Nelson Xavier, e ‘escrita’ pelo letrado Biá, interpretado por José Dumond, a quem coube ouvir as histórias sobre a história de Javé. Pela cronologia das cenas, destacamos as seguintes falas: i) na primeira cena, o dono do bar, onde a história de Javé é contada por Zaqueu, que não conseguiu embarcar na balsa para Javé, diz a primeira fala apontando a mãe desatenta aos clientes: “Minha mãe depois de velha começou a ler”; ii) Zaqueu se lembra da reunião acontecida com os moradores atordoados com a notícia de que Javé seria inundado: “Vamos escrever a grande história de Javé, seus acontecimentos de valor, e mostrar que somos grandes, mas tem de ser científico”; iii) Biá, após ser escolhido para escrever as histórias, diz para um dos entrevistados: “Não pode ser história inventada, tem de ser científica. Uma coisa é o acontecido, outra é o escrito que deve ser melhorado”; iv) Uma moradora ao votar como verossímeis duas histórias sobre a origem de Javé que se contrapunham: “As duas histórias de Vicentino e de Dina têm sentido”. Frente às várias origens e à expressão de opiniões concomitantes, *i.e.*, todos falando ao mesmo tempo, Biá é assertivo: “Isso é trabalho da ciência”. E, saindo de cena, diz: “Eu volto depois”; v) Biá em dúvida sobre as diferentes narrativas: “Quando a gente precisa do tempo, ele voa”; vi) O engenheiro da empresa, encarnando o fim do povoado, ao beber a pinga no silêncio do bar, diz: “O pior para o homem é ouvir engolir o próprio trago”; vii) Biá em dificuldade com o ‘científico’: “As histórias? É melhor ficarem na boca do povo”; viii) Biá: “Javé é um lugar perdido no oco do mundo. Fala das histórias de grandeza para esquecer a vida rala. A única coisa que Javé tem para mostrar é o caminho de volta!”



Figura 1: Pôsteres do filme Narradores de Javé.

Fonte: Tigo – mundo de coisas (2021)

As histórias do passado se entrelaçam aos acontecimentos do presente, e assim, de forma didática, procuramos associar a decomposição do tema proposto ao desvelamento da história do filme, bem como ao delineamento das três partes do texto, além da introdução e das considerações finais.

A primeira expressão que se segue a esta introdução – contexto social –, entendemos como ambiência das relações entre indivíduos, *i.e.*, integração dos indivíduos e dos grupos/comunidades na sociedade, e ressaltamos como ‘palavra-chave’ associativa ao filme o conceito de patrimônio em seu entrelaço com a cultura e a paisagem. Observamos, nesse contexto, a necessidade de se distinguir patrimônio e patrimonialização, ou seja, o processo de apropriação de um bem como patrimônio do processo de internalização de seu sentido, daquele constituído pelo processo de tombamento e preservação legal de um bem por uma determinada sociedade no tempo de sua valorização.

O texto segue com a segunda expressão do tema – a construção da identidade, considerando a cultura por tudo o que permanece e por tudo o que se inventa – de forma dinâmica, reforçando a construção da(s) identidade(s) inserida(s) no contexto cultural como acúmulo das mentalidades, tanto quanto acúmulo de suas invenções (CERTEAU, 1995), e, assim, tomamos como palavras-chave delimitadoras de nossas colocações as seguintes: ‘senso comum *versus* científico’.

Com relação à terceira expressão do tema – sertão nordestino –, tomamos como palavra-chave ‘a realidade complexa’ e acionamos Maria Geralda de Almeida a respeito: “[...] a paisagem é uma complexidade multiforme de realidades, de valores, de gestos e de vividos coexistentes. Ela é, pois uma dupla criação de cultura: a cultura de quem a olha e a apreende e cultura daquele que cria, a ‘inventa’. Aí reside o mistério da paisagem. O mistério do sertão” (2003, p. 86). Acrescentamos, no contexto do filme, ‘ser tão nordestino’, visto que aí reside o caminho para se compreender o que é ser sertanejo.

O contexto social

O vale do Javé, por seu conjunto histórico e pela singularidade de sua paisagem, das práticas e dos conhecimentos que o constituem, é, sem dúvida, um patrimônio; se confunde com a propriedade herdada dos descendentes de Indaléssio, que o tomam como fundador e, portanto, como patrimônio; ele é tomado como constituinte da identidade por se situar na base das histórias das origens do lugar, vivas nas memórias de seus atuais habitantes. Como referência (GEERTZ, 1989), ser descendente de Indaléssio estabelece um quadro de referências que materializa o sentido simbólico dessa descendência no lugar-território Javé.

Ora, a paisagem cultural é desvelada pela técnica, no sentido em que Milton Santos (2012) assinala que a técnica possibilita a empiricização do tempo e a qualificação da materialidade do trabalho, *i.e.*, à medida que nos conduz a valorizar e reconhecer a materialidade do sítio construído de Javé. Por outro lado, a paisagem cultural observada

pela dimensão simbólica é constituída pelo sentimento de pertença não apenas da materialidade, dos bens materiais, mas também pelos saberes e fazeres como bens herdados, como o são o sino da igreja e os heróis das histórias do povo. É o que é trazido do passado para o presente na sua cultura, como o significado dos lugares onde está enterrado Indaléssio – o herói branco e cristão que chega montado a cavalo, em contraposição a Indaleo, outro personagem narrado como fundador, o herói negro que rege a história diaspórica do quilombo que se situa nos arredores de Javé. Nesse aspecto, Paul Claval (2011, p. 16) nos ensina que “os lugares onde a transmissão ocorre têm também um papel estratégico na gênese dos indivíduos e na construção da cultura. Os lugares e as suas paisagens servem de suporte a uma parte das mensagens transmitidas”. Assim o é em Javé. O vale é a fonte da força, do heroísmo, da miscigenação, da herança e da conquista. E isso é determinante na construção das culturas e das identidades coletivas.

Com efeito, a paisagem cultural do vale do Javé foi, também, determinante para nossa compreensão no que diz respeito à sua posição no esquema da natureza. É o que nos apresenta Denis Cosgrove (1998) ao afirmar que a paisagem nos diz muito sobre patrimônio para além do sentido simbólico. Então, vista como fruto da acumulação do capital, a paisagem do vale do Javé é um produto social, e, como tal, o vale e o povoado podem ter, dentre outros, dois destinos importantes de serem sublinhados no contexto da temática que alinhava sua interpretação. Eles podem ser patrimonializados, ou seja, o Estado pode ser o executor de uma vontade coletiva, qualificando sua materialidade e sua imaterialidade como patrimônio a ser protegido, resguardado, conservado, pois identificam seu povo. Como tal, podem ser tombados por lei. É o que propõe Zaqueu, o narrador: “Vamos escrever nossa história grandiosa e tornar o vale ‘patrimônio’”. Assim, Javé, além de bem patrimônio construído e apropriado coletivamente, poderia vir a ser um bem patrimônio legalmente instituído pelo Estado, ou seja, patrimonializado.

O outro possível caminho/destino do vale sinalizado no filme diz respeito à sua posição no esquema da natureza natural, da segunda natureza, ou seja, no esquema das relações sociais, dizendo respeito ao seu enquadramento como um ‘espaço genérico’, entendido como território de ‘controle’, da gestão das ações das políticas públicas. Entende-se aqui como espaço genérico aquele produzido por políticas generalizantes que subordinam ou até mesmo eliminam as singularidades, a exemplo dos incentivos recebidos pela cana de açúcar exportadora do passado e do Programa Pró Álcool no século XX, assim como pela soja e pelo milho constituindo o agronegócio exportador, todos com ampla espacialização em detrimento da agricultura familiar responsável, em grande parte, pelo abastecimento do mercado interno.

No caso, a definição pela hidrelétrica e a necessidade de ser inundado são determinadas ‘de cima para baixo e de fora para dentro’, pela necessidade de ampliação da matriz energética. Nessa tessitura, os caminhos dos instrumentos legais da política da cultura entrecruzam conhecimento e reconhecimento; materialidade e imaterialidade, e os caminhos da política para o desenvolvimento desconsideram esses valores, priorizando os frutos e as consequências econômicas do e para o espaço genérico. Reforça-se, assim, aquele espaço que é pensado, no caso, pelas políticas de desenvolvimento, sem considerar

os sentidos atribuídos por quem o habita, o significa e o valoriza. Observa-se, portanto, que, patrimonializado ou tomado como ‘espaço genérico’, o vale do Javé se enquadra como território de controle das políticas públicas e das instituições do Estado.

A construção da identidade

Tomamos as colocações da professora Camila Moura ao pontuar a oralidade das histórias e o apalavrado como prova de sua ocorrência³. Ela se refere à cena em que Vicentino diz: “Daqui até a curva da terra de João Cunha são terras minhas, passadas de pai para filho apalavrado”, e é assertiva ao apontar que a prova do fato como importante para a construção da cientificidade, tal como procura Biá, é um pressuposto positivista que claramente se opõe à oralidade. Biá está em busca de escritos e provas concretas, e os descendentes de João Cunha afirmam possuir a documentação, mas não são mostradas.

Biá ‘encontra’ provas documentais ao visitar os filhos gêmeos de Cosme e Damião, sendo um o Gêmeo e o outro, o Outro, pelo fato de a mãe ter tido relações com Cosme e Damião, sendo um o marido e o outro, o Outro. Entre a discussão inacabada dos irmãos sobre paternidade, Biá se fortalece como pesquisador investigador: “Quando a gente precisa do tempo, ele voa”. Mas ao assistente atento, a profa. Camila Moura ressalta o caminho metodológico da história oral demonstrado no ‘arrodeio’ do filme pela explicitação do uso da fonte (depoimentos pela memória), bem como pela distinção entre acontecimento, fato histórico e memória. Ora, a reconstrução de trajetórias individuais e coletivas pode se constituir relevante para se acessar informações, sendo a coleta de narrativas possível pela realização de entrevistas e pelo depoimento aprofundado das histórias de vida. É o caminho traçado por Biá, sinalizando a nós, inclusive, a seleção dos entrevistados.

Sobre esse aspecto, atenta-se para o levantamento de informações pelas entrevistas que nos possibilitam apreendê-las, pela postura indagativa do ‘entrevistador’ como técnica versátil e pelo entrelaçamento da história que vai sendo apresentada ao assistente, a constituição de uma prosopografia, ou seja, biografias coletivas que permitem a compreensão de processos sociais, no caso, em Javé, a iminência de uma brusca mudança socioeconômica, o que nos permitiu entender seu espaço inserido no padrão do desenvolvimento e, portanto, generalizar sua realidade.

Observamos o entrelaçamento dos acontecimentos do passado que ficam na história das quatro versões de seus fundadores. Na primeira, Indaléssio trouxe o povo montado em seu cavalo – marca do herói branco constituído pelas heranças medievais, portuguesas e católicas. A segunda é a versão de Maria Dina, que toma o cavalo de Indaléssio para encontrar a terra de Javé após um dia e uma noite de caminhada, sendo, portanto, mulher e heroína. A terceira é contada pelos que afirmam serem Cosme e Damião os fundadores de Javé, e a quarta se reporta à diáspora de negros cujo líder, Indaleo, funda ali um

³ Cine Debate História – *Narradores de Javé*. Live ocorrida em 19/06/2020 com as professoras Camila Moura e Débora Cazalato. Ver Canal YouTube História UEMG – Universidade Estadual de Minas Gerais/Passos.

quilombo. O fato histórico comum é, pois, o mito fundador enaltecido em todas as versões, e a memória de cada um é captada pela exposição das particularidades da fundação entrelaçada pelo modo de vida e pela convivialidade – ora festa, ora ritual, ora discussão.

De fato, Bourdieu (1994) esclarece a construção de prosopografias observando as trajetórias objetivas pela apreensão de sequências sociais no espaço em permanente mudança⁴, uma vez que ‘os narradores de Javé’ expõem diferentes temporalidades para nossa apreensão: pela observação e pelas entrevistas, captamos o espaço social sincronicamente pelo cotidiano basculado com a notícia do alagamento e, pelas trajetórias dos mitos fundadores, diacronicamente, as mudanças e as distintas configurações captadas⁵.

Côrtes (2010, s/p) aborda a narrativa do filme colocando em relevo a história e a memória coletiva de uma comunidade iletrada, narrada por um de seus habitantes que se coloca em busca da história científica, e, assim, ela desenvolve o texto com o pressuposto de que o filme consiste em “uma dramatização cômica acerca da fuga ou da impossibilidade de alcançarmos ‘A’ verdade histórica”. Acordamos com sua crítica no que assevera sobre a oposição senso comum *versus* conhecimento científico: “trata-se de um filme profundamente cético (mas, felizmente, sem amarguras), que destila corrosiva ironia e grossa zombaria contra as aspirações metódico-científicas dos ‘idiotas da objetividade’”⁶.

De fato, a narrativa do narrador que conta a história é a oralidade, que, ao tempo em que nos sinaliza a paisagem cultural do vale do Javé, adensa o simbólico e expõe a identidade coletiva, dificultando a cientificidade buscada por Biá, mas, por outro lado, nos sinaliza a construção coletiva de pré-noções ou possibilidades de alinhamento com o conhecimento científico. A esse respeito, nos reportamos a Carlos Walter Porto-Gonçalves ao comentar sobre a construção da cientificidade na obra de Jose Angel Quintero⁷, ressaltando a ‘oralidade’ (como oposição à literatura) dos ‘pueblos’ de Maracaibo que traduzem um lugar de ver e de pensar e, portanto, com respeito e compreensão para com a narrativa dos ‘pueblos’. E o povo de Javé não foi considerado sob essa perspectiva, por isso acrescentamos estas palavras de Porto- Gonçalves: “O problema das minorias são as maiorias”.

⁴ A esse respeito, ver texto de Renato Pasti (2019) sobre biografia e prosopografia..

⁵ Ver também Meihy (2005, p. 17, grifo nosso), para quem: “é difícil precisar o que é história oral [...] pode-se, em nível material, considerar que a história oral consiste em gravações premeditadas de narrativas pessoais, feitas diretamente de pessoa a pessoa, em fitas ou vídeo, tudo prescrito por um projeto que detalhe os procedimentos”.

⁶ Norma Côrtes traz, a esse respeito, a seguinte nota: “Cunhada pelo cronista e dramaturgo Nelson Rodrigues, em fins dos anos 1950, a expressão ‘idiota da objetividade’ lançava um chiste sarcástico contra o novo tipo jornalismo de cariz americanizado, que se aferrava à pura descrição dos fatos, mas sem qualquer espiritualidade, ignorava e deixava escapar a aura de mistério magia que sempre reside nos acontecimentos ou nos lances futebolísticos”.

⁷ Webinar com a participação de Jose Angel Quintero, Enrique Leff e Carlos Walter Porto-Gonçalves, aqui ressaltando a exposição desse último sobre o pensamento decolonial.

Sertão nordestino, Ser Tão nordestino

Javé é o sertão de muitos nordestinos. Javé, como o Nordeste, não é simples com seus multiterritórios advindos de valores brancos e coloniais tanto quanto de negros diaspóricos. O sertão nordestino é, nesse âmbito, entendido pelo acúmulo de cultura que permanece decorrente das relações sociais e das mentalidades, podendo ser construído como apropriação e como invenção que se herda, significa e ressignifica.

Etimologicamente, “Javé” se origina do hebraico “Yaveh” ou “Yehovah”, em latim formado pelo tetragrama YHVH, que, segundo Eliade e Couliano (2009, p. 217), “parece evidente que a figura de YHVH, Deus do céu, não era feição a satisfazer as exigências do racionalismo helênico. Surgem contradições cada vez que se pensa no problema de sua onipotência, de sua onisciência”. Mas, enquanto lugar conquistado pelo mito fundador (Indaléssio, Maria Dina, Indaleo e o pai dos gêmeos), ele é um território consagrado, na medida em que “situar-se num lugar, organizá-lo, habitá-lo – são ações que pressupõem uma escolha existencial: a escolha do Universo [...] esse Universo é sempre réplica do Universo exemplar criado e habitado pelos deuses: participa, portanto, da santidade da obra dos deuses” (ELIADE, 2011, p. 36).

A memória coletiva e o mito fundador de Javé estão envoltos em conceitos, e, nesse sentido, dois geógrafos mais próximos de nós chamam atenção para o cuidado com os conceitos. Claude Raffestin (2010) nos diz que um conceito puxa outro, ou seja, cada conceito tem origem em outro. Foi assim que ‘partimos’ do conceito de espaço genérico para apreender o espaço vivido, o espaço lugar dos sentidos, o ‘território consagrado’. E Haesbaert (2016, p. 27) aponta para a utilidade de se distinguir conceitos. Ao tratar da distinção entre território e lugar, enfatiza que, por intermédio do território, “as questões envolvendo as relações entre espaço e poder” sobressaem, ao passo que, ao nos debruçarmos sobre o lugar, se prioriza “um determinado olhar para o espaço que destaca a dimensão cultural-simbólica, o vivido”. Foi assim que ‘passamos’ pelo território controle do Estado para a construção de uma hidrelétrica tanto quanto pelo lugar das histórias prenhes do vivido e da existência de ser o que se é, de estar onde se está, com sua Geografia e sua História.

Em Javé, o poder do racionalismo político-ambiental da ação do Estado é nítido frente à população que se colocou na origem do lugar, e o simbólico do mito heroico dos guerreiros brancos, dos negros e dos feitos de Maria Dina é nítido pelos valores herdados do que foi se constituindo na complexidade multiforme da paisagem do sertão, de ser sertanejo. Assim, Javé é compreendido e apreendido em suas multiterritorialidades e multitemporalidades.

A identidade no sertão nordestino deriva do último termo do tema e nos conduz a reforçar sua identificação como território, lugar, simbolismos, crenças. É herança, contato entre saberes e fazeres em várias temporalidades; é inovação e invenção; é o que se reconhece como seu (nosso); é o que se institui como seu (nosso). As palavras-chave associadas ao filme são as narrativas construídas pela memória, pelas lembranças, pelas heranças. Narrativa no sentido da exposição dos fatos posta como referentes

argumentativos e temporais (históricos), considerando o espaço, os personagens, os narradores e o enredo, tal como apreendido no desenrolar do filme. São as narrativas do cotidiano dos habitantes de Javé em oposição ao discurso desenvolvimentista subentendido pela necessária construção da hidrelétrica que impõe o desaparecimento de Javé⁸.

Maura Penna, em 1992, foi emblemática em sua obra *O que faz ser nordestino: identidades sociais, interesses e o 'escândalo' Erundina* ao traduzir a imagem do Nordeste como espaço homogêneo, oposto ao Sul e obstáculo ao desenvolvimento associado à imagem do nordestino e, portanto, envolta de preconceitos. Ela afirma que essas colocações sugestivas da construção das identidades pelas 'igualdades' podem ser desconstruídas pela incapacidade de se igualar o Nordeste ao Sul e, assim, aponta que as identidades são operadas pelas 'semelhanças' entre as características da cultura; as relações homem-meio; os territórios e as territorialidades e as particularidades dos lugares.

A leitura escalar trazida pela autora é esclarecedora para a compreensão das identidades. O povo de Javé é de Javé e é nordestino. Pela narrativa do povo de Javé, identificamos uma comunidade católica, uma comunidade negra, uma comunidade que prova o que disse com a palavra, uma comunidade que aceita o duplo voto de sua moradora que acata duas versões da história contada por seus vizinhos. O desenrolar da trama certamente ampliou nossa percepção sobre os aspectos singulares de Javé, que, como objeto de nossa observação, nos permitiu conduzir aproximações sobre as identidades construídas, bem como sobre aquelas inventadas por discursos externos e distantes dos sujeitos.

Considerações finais

De pronto, fica retida a iniciativa do Pet Humanidades da Universidade Federal do Oeste da Bahia, coordenado pelo professor Valney Dias Rigonato, juntamente com o nosso reconhecimento por proporcionar reflexões para além daquelas decorrentes das agruras da pandemia. Nosso encontro trouxe para o debate vozes que resistem aos imperativos do capitalismo predatório e, tal como os habitantes de Javé, re-existem com suas formas de existência, mantendo-se como sinalizadores de que outros caminhos são possíveis.

Pelo exposto, ressaltamos a constelação de conceitos correlatos ao contexto social, à região Nordeste e à identidade desenrolados nesta breve exposição sobre o filme *Narradores de Javé*. Passamos pela Geografia sem relegar a História pela memória, o Direito pelo apalavrado, a Metodologia da pesquisa pela escuta. A narrativa dos narradores de Javé integra múltiplos aspectos dessa constelação de conceitos pelas temporalidades mostradas e tratadas – o passado, o presente e o devir. O devir é outra história. O filme

⁸. Nesse contexto, discurso no sentido do enquadramento da narrativa em um contexto relacionado a quem fala, para quem se fala e o que fala: a ação do Estado, pela política energética (quem), comunica aos habitantes do vale do Javé (a quem) que o espaço será inundado para construção de uma hidrelétrica (o quê).

termina com uma discussão sobre o salvador do sino e Biá com disposição para anotar o que se apresentava, certamente algumas versões a respeito. A nós é deixada a criação do novo roteiro: as narrativas se repetirão? Encontraremos um novo fato histórico com outros mitos ativadores da memória coletiva? Ou, então, seríamos capazes de roteirizar o sertão do Nordeste e os seres tão nordestinos em perspectivas que não repitam o modo de vida do poema ‘Morte e vida Severina’ – sem acesso à vida digna⁹ e, tampouco, à sobrevivência narrada no documentário ‘Estou me guardando para quando o carnaval chegar’ – explorados e alienados?¹⁰

Acrescenta-se, ainda, a narrativa dos narradores de Javé construtora da cientificidade pelo senso comum em oposição à explicação causal e sistematizada da realidade. O senso comum ocupa todo o alinhamento da trama em Javé, constituído pelas pré-noções socialmente elaboradas por seus habitantes que, inventadas ou não, foram acionadas para enfrentar a iminência do alagamento do vale. É nessa interseção que vislumbramos um *continuum* entre o senso comum e o conhecimento científico, possibilitando-nos, pelos entrelaços intuitivos das histórias de Javé, desvelar os sentidos do patrimônio, das paisagens, dos espaços controlados e das identidades inventadas.

As metáforas encadeadas possibilitaram nossa percepção dos semelhantes tal como interpretados por Maura Penna (1992): Indaléssio, Maria Dina, Indaleo, o Gêmeo e o Outro, Vicentino, Biá e todos os demais habitantes de Javé. Instauramos, como intencionado por Eliane Caffé, similitudes no heroísmo de todos, tanto que no presente se apropriam do heroísmo pela autoria do salvamento do sino da igreja. São todos heróis em suas múltiplas temporalidades.

Fica retido, no sentido geral, o que se guarda na produção, nos processos e nas temporalidades e, no sentido estreito, o que se conhece pelas representações, pela memória, pelo vivido e pelas vivências. Fica retido, também, que a cultura define e distingue o que é necessário, o que significa e se resignifica, o que se exige seja pela qualidade, pelo desenvolvimento ou pelo atraso.

Referências

ALMEIDA, Maria Geralda de. Em busca do poético do sertão. In: ALMEIDA, M. G. de; RATTS, A. JP. *Geografia: Leituras culturais*. Goiânia: Ed. Alternativa, 2003. p. 71-88.

⁹ “Morte e vida Severina”, um poema trágico de João Cabral de Melo Neto, tem fácil acesso em <http://bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br>. Severino é um retirante do sertão de Pernambuco que foge da fome e da seca, mas no caminho encontra somente a miséria e a morte. Ele entende sua existência quando assiste ao nascimento de uma criança, filha de retirantes, como ele, severinos.

¹⁰ Documentário dirigido por Marcelo Gomes (2019), tem fácil acesso no YouTube. A câmera percorre a cidade de Toritama (PE) e seus arredores, adentra as residências transformadas em fabriquetas onde homens, mulheres e adolescentes produzem mais de 20 milhões de peças de jeans. Eles se orgulham por não terem patrões, mas, quando chega o Carnaval, alugam ônibus que os conduzem à praia e gastam todas as suas economias. O trabalho e o ritmo de produção recomeçam até o próximo carnaval chegar, e eles permanecem filhos explorados e crias alienadas do capitalismo.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta. (Org.) *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1996. p. 183-191.

CERTEAU, Michel de. *A cultura no plural*. São Paulo: Papirus, 1995.

CLAVAL, Paul. Geografia cultural: um balanço. *Revista Geografia*, Londrina, v. 20, n. 3, p. 05-24, set./dez. 2011.

CÔRTEZ, Norma. História, memória e derrisão em *Narradores de Javé. Nuevo Mundo Mundos Nuevos* [en ligne], Questions du temps présent, mis en ligne le 20 avril 2010.. Disponível em: <http://journals.openedition.org/nuevomundo/59591>. Acesso em: 18 set. 2021.

COSGROVE, Denis. A Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998. p. 92-122.

ELIADE, Mircea; COULIANO, Ioan P. *Dicionário das religiões*. Tradução Ivone Castilho Benedetti. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano – a essência das religiões*. Tradução Rogério Fernandes. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

ESTOU me guardando para quando o Carnaval chegar. Direção e roteiro: Marcelo Gomes. Produção: João Vieira Junior e Nara Aragão. Vitrine Filmes. Brasil, 2019.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. São Paulo: LTC, 1989.

HAESBAERT, Rogério. As armadilhas do território. In: SILVA, J. B.; SILVA, C. N. M. da; DANTAS, E. W. C. (Orgs.). *Território: modo de pensar e usar*. Fortaleza: Edições UFC, 2016. p. 19-42.

MEIHY, Jose C. S. B. *Manual de História Oral*. São Paulo: Ed. Loyola, 2005.

MELO NETO, João Cabral de. *Morte e vida Severina*. Disponível em: <http://bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br>. Acesso em: 18 set. 2021.

NARRADORES de Javé. Direção: Eliane Caffé. Roteiro: Luiz Alberto de Abreu e Eliane Caffé. Produção: Vânia Catani. Estúdio: Bananeira Filmes / Gullane Filmes / Laterit Productions. Distribuição: Riofilme. Tempo de Duração: 100 minutos. Ano de Lançamento (Brasil): 2004.

PENNA, Maura. *O que faz ser nordestino – identidades sociais, interesses e o ‘escândalo’ Erundina*. São Paulo: Cortez, 1992.

PASTI, Renato. Biografia e prosopografia: investigações e trajetórias, valorização das experiências. *Revista Expedições*, Morrinhos/GO, v. 10, n. 1, p. 29-44, jan./abr. 2019.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. Encontro com Enrique Leff e Carlos Walter Porto-Gonçalves com o sentipensar anual. Webinar. Aula 4 - Horizontes do nós e o retorno do tempo de Abya Yala. Em 17.06.2021. In: *SEMINÁRIO A PARTIR DE NÓS*:

SENTIPENSAR COM A TERRA: TEORIA E PRÁTICA DECOLONIAL. 27/05 a 17/06/2021.

RAFFESTIN, Claude. Uma concepção de território, territorialidade e paisagem. In: PEREIRA, S. R.; COSTA, B. P.; SOUZA, E. B. C. (Orgs.). *Teorias e práticas territoriais: análises espaço-temporais*. São Paulo: Ed. Expressão Popular, 2010. p. 13-24.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção*. 4. ed., 7; reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

TIGO – Mundo de Coisas. Crítica - Narradores de Javé. Disponível em: <https://blogcinemania.wordpress.com/2009/10/25/mini-criticas-8-%E2%80%93-narradores-de-jave/> Acesso em: 18 set. 2021.

Maria Augusta Mundim Vargas

Doutora em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho; Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe onde atua desde 1990 no Programa de Pós-Graduação em Geografia; Graduada em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais.

Rua Euclides Gois, 263, Cep 49035-310, Aracaju/SE

E-mail: guta98@hotmail.com.br

Recebido para publicação em junho de 2021.
Aprovado para publicação em agosto de 2021.